REVISTA DA ABPN

A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA: JÔNATAS CONCEIÇÃO E CONCEIÇÃO EVARISTO, REFLEXÕES SOBRE NOVAS FORMAS DE REEXISTÊNCIA E REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NEGRA

Marinilda Gomes dos Santos[1]

Patrìcia Maria da Silva[2]

Resumo: Este estudo se propõe a pensar a representação da infância na literatura brasileira a partir do conto *Di Lixão* e *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos* de Conceição Evaristo e dos poemas *Onde eu nasci passa um rego* e *Amparo, o mágico* de Jônatas Conceição. A proposta é a discutir como Evaristo e Conceição narram a infância nesses textos, pensando que infância é essa que está sendo representada e os diálogos entre a representação canonizada de infância dentro da literatura e suas reverberações sobre o tratamento que as crianças negras recebem dentro da sociedade. Para desenvolver esse estudo, será acionado como base teórica os conceitos de representação e expressão, pensado por Deleuze Guatarri e o conceito de Escrevivência pensado por Conceição Evaristo.

Palavras-chave: infância; escrevivência; expressão.

THE CONSTRUCTION OF CHILDHOOD IN BRAZILIAN LITERATURE: JÔNATAS CONCEIÇÃO E CONCEIÇÃO EVARISTO, REFLECTIONS ON NEW FORMS OF REEXISTENCE AND REPRESENTATIONS OF BLACK CHILDHOOD

Abstract: This study aims to consider the representation of child hood in Brazilian literature from Conceição Evaristo's short stories Di Lixão e Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos (Di Dumpand Zaíta forgot to putaway the toys) and Jônatas Conceição'spoems Onde eu nasci passa um rego e Amparo, o mágico (Where I wasbornis a gullyand Amparo, themagician). The proposal is to discuss how Conceição and Evaristo narrate the childhood in these texts, considering how the childhood is being represented and the dialogs between the canon representation of childhood within the literature and its reverberations on the treatment that black children receive within society. The concepts of representation and expression, thought by Deleuze and Guatarri the concept of Escrevivência thought by Conceição Evaristo will be engaged as a theoretical basis to develop this study.

Keywords: childhood; escrevivência; expression.

LA CONSTRUCTION DE L'ENFANCE DANS LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE: JÔNATAS CONCEIÇÃO ET CONCEIÇÃO EVARISTO, RÉFLEXIONS SUR LES NOUVELLES FORMES DE RÉEXISTENCE ET DE REPRÉSENTATIONS DE L'ENFANCE NOIRE

Résumé: Cette études'attache à penser la représentation de l'enfancedans la littérature brésilienne de puisle conte Di Lixão e Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos de Conceição Evaristo et lespoèmes Onde eu nasci passa um rego et Amparo, o mágico de Jônatas Conceição.

[1]Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.
[2]Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

La proposition est de discutercomment Evaristo e Conceição racontentl'enfanced anscestextes, enpensantquelenfance est em représentation et des dialogues entre la représentation canonisée de l'enfancedanslalittérature et ses répercussions sur letraitement que les enfants noirs reçoiventausein de la société. Pourdévelop percetteétude, ilseratirécomme base théoriqueles notions de représentation et d'expression, lapensée de Deleuze Guatarri et leconcept de Escrevivência pensé par Conceição Evaristo.

Mots-clés: enfance; escrevivência; expression.

LA CONSTRUCCIÓN DE LA INFÁNCIA EN LA LITERATURA BRASILEÑA: JÔNATAS CONCEIÇÃO Y CONCEIÇÃO EVARISTO, REFLEXIONES SOBRE NUEVAS FORMAS DE REEXISTÉNCIA Y REPRESENTACIONES DE LA INFÁNCIA NEGRA

Resumen: El estudio se propone a pensar la representación de la infancia en la literatura brasileña a partir del cuento *Di Lixão y Zaíta se olvidó guardar los juguetes* de Concepción Evaristo y de los poemas *Donde yo nací pasa un rego y Amparo, el mago* de Jonatán Concepción. La propuesta es discutir cómo Evaristo y Concepción narran la infancia en estos textos, pensando que la infancia es la que está siendo representada y los diálogos entre la representación canonizada de infancia dentro de la literatura y sus reverberaciones sobre el trato que los niños negros reciben dentro de la sociedad. Para desarrollar este estudio, será accionado como base teórica los conceptos de representación y expresión, pensado por Deleuze Guatarri y el concepto de Escrivencia pensado por Conceição Evaristo.

Palabras-clave: infancia; escribencia; expresión

> *Articular historicamente o passado não significa conhece-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.* Walter Benjamin, 1996.

A vida é como uma caixa de ferramentas, está tudo ali, mas só é retirado para fora da caixa aquilo que é solicitado, no momento em que é solicitado. Se derramarmos todas as ferramentas de uma só vez, vira bagunça, desorganiza, fica impossível manusear e identificar a ferramenta certa para cada ocasião. Com o vivido também é assim, as coisas estão em algum lugar da memória, espalhadas entre os seus níveis de consciência. Sendo trazidas à superfície, apenas quando solicitadas. Têm lembranças que vivem ali, martelando até quando não são desejadas, tem outras que chegam como uma visita inesperada e depois vão embora e tem aquelas que são tão bem guardadas que quase não aparecem, e quando aparecem, ainda vêm travestidas com outras faces. A memória tem seu próprio tempo, seu próprio funcionamento, não devemos confiar muito nela.

Mas como não confiar na memória se muitas vezes ela é nosso único meio de guardar informações? Como não confiar no arquivo mais "fiel" das nossas vivências? Como não confiar em nós mesmos? Essa é a questão. O que está em jogo quando se trata da memória não é se podemos ou não podemos confiar, e sim, estar ciente de que as lembranças não são apresentadas da mesma forma em que foram vivenciadas, como se pudéssemos viajar no túnel do tempo e trazê-las intactas, é estar ciente que entre o esquecer e o lembrar há uma grande potência de invenção. Elas também são permeadas pelos contextos e construções que ordenam a sociedade e junto a memória, no que tange a infância de crianças negras, se acoplam uma gama de estereótipos. Como se pensar a construção das memórias de crianças pensadas e apresentadas desde a gestação como prováveis bandidos? Que passam por privações de elementos básicos desde sempre como saúde e educação e espaços que prezam pelo lazer e pela expressão máxima da infância que é o ofício de brincar?

Então, como é possível pensar em uma verdade? Como saber o que é real e o que é ficcional quando se trata da memória e consequentemente, da história? Acredito que temos dois caminhos que podem ser seguidos, o primeiro é pensar que toda verdade é discurso[3]. Tendo em vista que, toda produção discursiva é regulada, selecionada e organizada a fim de atender uma determinada função. Logo, toda verdade é regida por um viés político e ideológico. E a segunda alternativa é pensar a verdade para além de uma categoria binária, *verdade x mentira*, e pensá-la no plural, em múltiplas verdades. Onde uma verdade não desautoriza a veracidade da outra.

Diana Klinger (2008) afirma que uma das características próprias da narrativa contemporânea é a autoficção, a qual deriva de um desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma verdade na escrita, assim, se aproximando do conceito de performance. Por isso, a autoficção não pressupõe a existência de um sujeito prévio, "um modelo" que o texto pode copiar ou trair. Não existe original e cópia, apenas construções simultâneas de uma figura teatral. Acrescento que, em se tratando da história, o posicionamento não deve ser muito distante. Não devemos pensar na existência de originalidade, de verdades universais, e

[3] Cf. Foucault, M. A ordem do discurso: aula inaugural do Collège de France, proferida em 2 de dezembro de 1970.

sim em possibilidades de interpretação, tendo em vista que, a "verdade" do historiador está calcada em um *arquivo*[4], o qual, será manuseado por uma segunda pessoa. E nesse caso, entra outro fator que, assim como a noção de verdade e memória, nos deixa com uma pulga atrás da orelha, é a noção de arquivo. Esse arquivo estaria sujeito à leitura do outro, ou ordenado de forma que levasse em conta apenas o viés histórico daquele que possui também o poder político de arquivar a história a ser passada de geração em geração e ensinadas dentro dos processos de escolarização. Sobre essa noção de arquivo, Derrida (2001) defende que nenhum arquivo tem existência per si, ou seja, todo arquivo é resultado de interpretações, logo, a verdade do arquivo é construída a partir do resultado dessas interpretações.

Além de questionar a inexistência *per si* do arquivo, Derrida aponta outras problemáticas que essa noção apresenta. Para esse autor, a ânsia de totalidade do arquivo não passa de uma quimera, pois nenhuma história pode ser cem por cento arquivada, visto que, como dito anteriormente, todo arquivamento, e a manutenção deste, se constitui pelo poder e pelo arconte. Poder esse que é político e ideológico, e consequentemente seleciona o que vai ser arquivado e como será arquivado. Walter Benjamin em *Sobre o conceito de história*, trabalha com essa perspectiva de que nenhuma historiografia dar conta do todo, Benjamin diz que:

> O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citation à l'ordredujour — e esse dia é justamente o do juízo final. (Benjamin, 1996, p. 223).

Para Benjamin, só a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado sem negligenciar os "pequenos" acontecimentos. Mas, a humanidade, e principalmente os centros políticos de poder que têm o controle do arquivamento historiográfico, são egocêntricos demais para redimir-se diante dos "pequenos" acontecimentos da história. Logo, as narrativas serão sempre baseadas nos "grandes"

[4] Cf. DERRIDA, Jaques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana, 2001.

acontecimentos, amparada pelo método da empatia[5]. O qual, segundo Benjamin, o historicista estabelece uma relação de empatia com o vencedor e, essa empatia pelo vencedor beneficia sempre, portanto, a história desses vencedores. Então fica o questionamento, e a história dos "perdedores" quem conta? Será que essas histórias menores são arquivadas? Como são arquivadas? Ou será que esses acontecimentos menores não são dignos de arquivamento? Me proponho a pensar possíveis respostas para esses questionamentos através da análise de alguns textos do poeta Jônatas Conceição da Silva e da leitura de um conto escritora mineira Conceição Evaristo, pensando a representação da infância na literatura brasileira.

NARRATIVAS DE VIDA: INFÂNCIA

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.
[...]
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.
Carlos Drummond de Andrade, 1930

Quando se fala ou pensa a infância, a primeira ideia que vem em nosso pensamento é de uma fase de plenitude, de liberdade e realização. Mas será que a infância é realmente isso? Será que toda criança teve oportunidade de viver essa ideia de infância que é narrada nos contos de fadas, nos poemas românticos e no imaginário coletivo? De que infância será que o poema *Infância* está se referindo? Esses questionamentos abrem espaço para que possamos compreender que o ideal homogeneizador de infância que ao tentar universalizar as experiências desconsidera questões cruciais que instauram um abismo entre as vivências e espaços ofertados para que crianças negras e brancas cresçam.

[5]Cf. Benjamin, Sobre o conceito de História. In: Mágia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.

O imaginário ocidental, sobretudo o brasileiro, construiu e vende uma ideia de infância que destoa por completo da realidade em que vivemos. E, ao direcionarmos nossa lente e darmos um zoom para as crianças das classes baixa, fazendo recorte de classe e raça, esse imaginário idealizado de infância chega a ser irônico, devido ao nível de dessemelhança entre a ideia que é disseminada e a realidade. Então, como falar da infância de uma criança negra que nasceu e cresceu em bairros periféricos de Salvador, como a de Jônatas Conceição da Silva com esses referenciais de infância canonizada? Será que o menino Jônatas, que nasceu e cresceu no Engenho Velho de Brotas teve a mesma infância retratada no poema supra citado?

Para a nossa sorte, o poeta Jônatas Conceição da Silva também escreveu sobre a infância, uma infância que possivelmente se aproxima mais da realidade de uma criança que não encontra seus referenciais nos contos de fadas da literatura canônica. A infância retratada na poesia de Conceição diverge da representação idealizada da literatura tradicional. A imagem da infância que foi construída ao longo do tempo na literatura, é baseada em um princípio de felicidade, em uma fase da plenitude. Como é apresentado no poema *Infância* de Carlos Drummond e em vários outros da literatura canonizada, os quais, marcam a ideia de infância na literatura brasileira do século XX.

É possível perceber uma ausência de representação da infância negra na literatura brasileira, e quando aparece alguma representação infanto-juvenil vem sempre marcado por algum tipo vulnerabilidade social e econômica. No texto *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea* Regina Dalcastagnè analisa um corpus de 258 romances que correspondem à totalidade das primeiras edições de romances de autores brasileiros publicadas pelas três editoras mais prestigiadas do País, de acordo com levantamento realizado junto a acadêmicos, críticos e ficcionistas. E constatou que há uma proporção nitidamente menor de personagens infantis negras em relação a quantidade de personagens brancas da mesma faixa etária. E constatou também que, dentre essa representação mínima de personagens infantis negras, a grande maioria são dependentes químicos. Se ampliarmos o recorte de Dalcastagnè para livros anteriores aos pesquisados, encontraremos textos em que até a palavra criança é desvinculada das crianças negras, como em "As vítimas Algozes" de Joaquim Manoel Macedo (2010 [1869]).

Há quem diga que essa representação não destoa da realidade atual, já que ainda hoje existe umgrande números de crianças e adolescentes negros em situação de vulnerabilidade social e econômica e consequentemente, com maior contato e envolvimento com materiais ilícitos. Não estou reproduzindo o determinismo social que afirma que toda criança pobre e negra é um "bandido" em potencial, ao contrário, quero chamar atenção para a ausência de assistência e para o ciclo vicioso que se segue e fazem parte da formação e construção subjetiva das crianças negras. O descaso que fomenta a máquina de mortandade e uso de entorpecentes por crianças negras é insuflado por parte dos nossos governantes que fazem vistas grossas às desigualdades sociais que é marcante em nosso país. E que, infelizmente, coloca nossas crianças negras em contato direto com o mundo das drogas. Voltando à problemática das representações, o problema maior, no que tange a questão dentro da literatura, é a ausência de uma discussão que desnaturalize esses lugares sociais apontados por ela.

> O estereótipo é usado na narrativa não como crítica, mas como recurso fácil de aproximação com o leitor, que ela assume como compartilhando dos mesmos preconceitos. Ou seja, a imagem conhecida permite que o leitor se identifique, ao mesmo tempo em que se reforça a si própria, naturalizando seu conteúdo. Daí sua recorrência, e sua repercussão para além das páginas do livro. (Dalcastagnè, 2008).

Essas representações estereotipadas acabam atuando como forma de preservação dos preconceitos na sociedade brasileira, e um dos mecanismos de preservação é justamente a legitimação do racismo no interior dos discursos artísticos.

Até o momento foram apontadas duas possibilidades de representação infanto-juvenil na literatura brasileira. De um lado, a representação de uma infância fantasiada, marcada por um ideal de felicidade e plenitude, que abarca apenas uma pequena parcela da realidade do Brasil, se é que existe alguma infância que tenha algum grau de verossimilhança com tal descrição. E, por outro lado, uma infância marcada pela vulnerabilidade social e pela violência. Mas o que há entre esses dois polos de representação? Será que essas representações dão conta de pensar as multiplicidades existente em nosso país?

Acredito que há uma lacuna representacional nesse cenário da literatura canônica brasileira, assim como em vários outros que infelizmente não poderá ser

discutido no momento. E não estamos falando de uma representação imperfeita, simplesmente, até porque, a literatura não tem nenhuma obrigação com o real, mas como afirma Dalcastagnè "O problema que se aponta não é o de uma imitação imperfeita do mundo, mas a invisibilização de grupos sociais inteiros e o silenciamento de inúmeras perspectivas sociais".

Felizmente, a partir dos anos 1970 o cenário da literatura brasileira vem ganhando novas possibilidades de escrita e de leitura, com a passagem do negro da condição de tema, como era "normal" até o momento para assumir uma voz autoral. Isso não significa que nenhum negro escrevia antes dos anos 60/70, ao afirmar isto estaríamos negligenciando a bravura de vários escritores negros como Luiz Gama, Cruz e Souza, Machado de Assis, dentre outros, que não se limitaram aos escritos vanguardistas do seu tempo. Mas que, infelizmente, foram escamoteados do cenário literário brasileiro ou lidos como meras reprodutores de determinados estilos de época, como no caso de Cruz e Souza e até do próprio Machado de Assis. Sem falar na tentativa de desqualificação da produção de certos escritores através do rebaixamento de certos gêneros literários. A respeito do apagamento desses escritores Eduardo de Assis Duarte afirma que:

> Uma série de omissões críticas se junta a fatores histórico-culturais de modo a confinar o ensino da literatura aos nomes consagrados, deixando de fora importantes escritores negros. Acrescente-se a isto a postura elitista que desqualifica gêneros literários tidos como "menores", a exemplo da crônica e do memorialismo, bem como os textos marcados por posicionamentos mais incisivos quanto a desigualdades sociais, em especial no tocante às questões de raça e etnicidade. (Duarte, 2013).

Devido a essas sistemáticas tentativas de apagamento os escritores negros que produziam antes dos anos 60/70 tiveram muitas dificuldades em serem aceitos como parte da literatura brasileira, sobretudo, devido ao isolamento de produção por parte desses escritores, cada um produzia em seus estados e/ou cidades de modo isolado, não compartilhavam essas produções e, consequentemente, não ganhavam a força necessária para assumirem seus lugares no cenário nacional. A partir do momento em que o negro sai da condição de tema e assume uma voz autoral "pode-se afirmar que tal produção encontra sua especificidade na conjunção de alguns elementos que lhe são próprios", Para Conceição Evaristo, essa especificidade está pautada no conceito de *Escrevivência*,

que consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida. Tendo essa vivência como base, cada autor desenvolve pontos de vista diferentes sobre uma mesma situação ou fato. Ou seja, a experiência como mote da produção literária.

Tomaremos os conceitos de *escrevivência* de Conceição Evaristo e o conceito de *expressão* pensado por Deleuze e Guatarri, como basilares para pensar as produções de Jônatas Conceição da Silva e de Conceição Evaristo. Levando em consideração que a *expressão* não tem a intenção de falar pelo outro e sim de falar com o outro, sendo, uma das principais características da *literaturamenor*[6], a qual, ultrapassa os limites representacionais da literatura canônica.

No poema *Onde eu nasci passa um rego* de Jônatas Conceição, é possível fazer uma leitura que foge a essas representações supracitadas, pois, não compartilha a idealização de uma infância perfeita, como no poema *Infância* de Drummond nem está em um cenário de violência como aponta a pesquisa de Delcastagnè. O poema aciona elementos de uma infância favelizada, e uma das temáticas a ser tratada é a condição de vida da população que vivem em situação de vulnerabilidade social. O poema marcado na primeira pessoa, descreve as dificuldades desse eu-lírico que lamenta a ausência de um rio que gostaria que passasse em sua aldeia-bairro , ao mesmo tempo, lamenta a presença de um rego que quando chovia ao invés de realizar o seu sonho de menino, transformando-se em um rio caudaloso, só trazia mais transtorno, levando todos os pertences que lhes sobrava.

Onde eu nasci passa um rego

Onde eu nasci não passa um rio,
passa um rego.
Refletindo toda miséria margeada.

O rio que gostaria que passasse onde eu nasci,
não existe.
Uma esperança: quando chovia o rego demudava.
Era pior,
desciam lata, pano, colher, trapo, caco.
O que nos sobrava.

[6] Cf. DELEUZE E GUATTARI. O que é uma literatura menor?. In: Kafka por uma literatura menor, 1977.

A partir da leitura do poema é possível inferir que a experiência de vida do eu lírico não se trata de uma visão idealizada, onde o rio aparece com ideia de plenitude e grandeza, à exemplo do poema *O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia* de Alberto Caeiro (Heterônimo de F. Pessoa). No poema de Conceição, o eu lírico representa outra vivência em relação ao "rio", onde ele mora não passa um rio e sim um "rego" refletindo toda miséria que existe em suas margens, o que podemos relacionar, a partir do contexto da cidade de Salvador, cidade na qual o poeta nasceu e passou maior parte da sua vida, que trata-se de uma moradia periférica. E isso se confirma ao saber que Jônatas Conceição nasceu e viveu maior parte da vida no Engenho velho de Brotas, bairro periférico de Salvador. Outro ponto que permite fazer tal leitura é a afirmação nos últimos quatros versos que diz o seguinte: / Uma esperança: quando chovia o rego demudava. /Era pior,/ desciam lata, pano, colher, trapo, caco./ O que nos sobrava.

Nesses últimos versos o eu lírico mostra que não compartilha da mesma ideia/vivência de rio que o eu lírico de *O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia.* O rio na poesia de Jônatas Conceição reafirma uma condição de vida marginalizada, o qual não é motivo de grandeza nem de exaltação poética. É notável o distanciamento representacional na poesia de Conceição, que mesmo fazendo referência ao mesmo objeto as perspectivas entre os dois poemas são completamente diferentes. Para Conceição Evaristo, essa diferença está pautada na Escrevivência, que consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida. Tendo essa vivência como base, cada autor acaba por ter pontos de vista diferentes sobre uma mesma situação ou fato. É possível dialogar também com a noção de *expressão,* a qual o poeta se propõe a pensar a realidade de milhares de brasileiros que vivem em situação de vulnerabilidade social a partir da sua experiência de vida, ele não está distante falando de um problema que lhe é exterior, muito pelo contrário, ele assume esse lugar de suposta precariedade transformando-o em potência de enunciação. Ele não está falando pelo outro, ele fala com os outros.

É característico da literatura *menor* o compromisso de falar com o coletivo, para Deleuze e Guatari (1977), essa característica diz respeito ao sentimento de coletividade empreendido pela literatura menor, onde, tudo toma um valor coletivo, "precisamente porque o talento não é, na verdade, muito abundante numa literatura menor", sobretudo,

devido às péssimas condições de produção e enunciação que são enfrentadas por esses grupos. Deleuze diz que, na literatura menor não há sujeitos, há agenciamentos coletivos de enunciação. “A máquina literária reveza uma máquina revolucionária por vir, não por razões ideológicas mas porque esta está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva que falta algures nesse meio: a literatura é assunto do povo”.

No poema *Amparo, o mágico*, o eu-lírico rememora com nostalgia uma parte da sua infância, através de um símbolo que também já não existe mais, o Cine Teatro Amparo. Um pequeno cinema localizado no Engenho Velho de Brotas que era o endereço de Jônatas Conceição e seus irmãos e irmãs todas as tardes de domingo durante sua infância. O Cine Teatro Amparo fazia parte de uma rede de teatro de Rua fundado em 1954, funcionou até 1982 e depois foi transformado em um supermercado. O cinema que marcou a vida do poeta foi homenageado anos depois com um poema que carrega no título o seu nome, *Amparo, o mágico*.

A infância exposta no poema retrata uma vida simples e cheia de encantos, encantos que eram encontrados, sobretudo, através dos heróis e mocinhos que apareciam por trás da grande tela alva. A simplicidade da vida do eu-lírico é mostrada através das comparações entre ele e a estrutura do cinema, que, mesmo sendo um cinema popular, sem luxo e às vezes até precário, como é marcado em algumas passagens do poema: / tuas cadeiras empoeiradas / [...] /tuas paredes imundas, / cortinas rotas /, ainda era grandioso diante do seu espectador, o qual, atinava sua pequenez diante daquela grande tela branca. E acreditava que em nada eram parecidos, exceto na sujeira das paredes e cortinas, / Nossa maior semelhança / estava em tuas paredes imundas, / cortinas rotas: /. No entanto, mesmo diante de toda simplicidade exposta o “mágico” é relembrado como um abrigo de parte da infância do poeta.

No conto *Di lixão* de Conceição Evaristo, a infância ganha outra conotação, bem distante da representada no poema de Drummond e diferente das infâncias acionada na poesia de Jônatas Conceição, ainda que também denuncie a precariedade, o descaso e as mazela que envolvem a infância de parte significativa das crianças negras brasileiras. O conto relata a curta vida de Di lixão, personagem principal da narrativa, o qual, morava embaixo de um viaduto com outros moradores de rua após o assassinato da mãe. A

morte da mãe de Di lixão foi assistida por ele e mesmo assim, ele negou para a polícia que estivesse por perto, que suspeitasse de alguém. "(...) Ele sabia quem. Pouco importava. Que deixasse o homem solto. Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não aguentava a falação dela (...)". (Evaristo, 2015p.78). Nesse primeiro momento é possível perceber que a ideia tradicional infância e de maternidade não dão conta para pensar a vida de Di lixão, no conto essas convenções são rasuradas, ele afirma não gostar da mãe, não sentir nenhuma falta dela, se quer lembrava da mãe, exceto em situações como aquela, que beirava a morte de tanta dor, dor de dente e dor nas partes baixas, resultado de chute que ganhara de um companheiro de "quarto-marquise", no entanto, Evaristo nos coloca durante a descrição das dores de Di Lixão em outra clave de análise, acionando a em nós a pergunta Qual seria, de fato, as dores de Di Lixão? Essas dores acionadas no conto não são apenas das feridas físicas, do dente ou do chute eu havia levado do outro menino. O que dói na personagem é a própria vida, "(...) As dores haviam se encontrado. Doía o dente, doíam as partes de baixo. Doía o ódio (...)" (Evaristo, 2015p.78). A dor do garoto o humaniza e nos humaniza ao ler o conto para a que pensemos nas questões relativas as crianças em situação de vulnerabilidade social, ou seja, o dói em Di Lixão é a própria vida de invisibilidade que o leva a óbito por conta de um dente que não recebeu os devidos cuidados. Outro ponto importante é a não marcação de Evaristo do menino como uma criança em situação de rua. Essa não marcação desvia nosso olhar na interpretação estereotipada que poderia cair sobre a personagem.

Em *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos* é colocado novamente em questão o espaço social em que as crianças negras crescem. O que nos salta aos olhos nesse conto de Evaristo é a violência que ordena também as possibilidades de infância dentro das comunidades brasileiras e a estrutura familiar que é corriqueira na organização de famílias negras. Zaíta é uma menina que ao ler o conto, podemos supor que tem por volta de 7/8 anos e junto com sua irmã gêmea, Naíta são as mais novas de quatro irmãos. A mãe das meninas, Benícia, trabalha como empregada doméstica e os outros irmãos, como é colocado no conto seguiram carreira, um no exército, outro no tráfico. no entanto, ao trazer a questão do entorpecente e a inserção dos jovens negros dentro desse sistema nas favelas não há na escrita de Evaristo uma criminalização deste jovem.

> (...) O irmão de Zaíta, o que não estava no exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma de e local de poder. (...) via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. (...) o moço via mulheres, homens e até crianças saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas (...) (Evaristo, 2015, p.73/74).

O que é exposto é a precariedade do espaço em que a família vive, que se reflete inclusive nos objetos que Zaíta e Naíta transformam em brinquedos "(...) Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramam fazendo barulho. Bonecas incompletas, Chapinhas de garrafa, latinhas vazias e palitos de fósforo usados. (...)" (Evaristo, 2015p. 72) e o mito da meritocracia que sufocam as oportunidades dos jovens negros e os jogam dentro do mercado do tráfico, ele é uma denúncia ao mito da meritocracia pois vemos o que os projetos e as conquistas relacionadas aos negros não dependem apenas do mérito ao analisarmos as privações e contexto de precariedade em crescem as crianças negras. As exceções que são vendidas como história de superação e impulsionam o jogo dos méritos serve apenas para confirmar a regra. As meninas vieram em uma época em que a mãe já não acreditava que poderia mais engravidar e, como bem aponta o segundo irmão de Zaíta, da vida conseguiu acumular apenas cansaço. Acúmulos que fazem ela agir de forma truculenta com os filhos. A história gira em torno do sumiço da figurinha que Zaíta mais gosta e que foi pega escondido por sua irmã gêmea. Naíta acaba perdendo a figurinha que Zaíta estava procurando e não sabia como dizer para a irmã. Zaíta sai de casa à procura da irmã e de sua figurinha e ao se distrair pela tristeza de não encontrá-las acaba ignorando duas recomendações da mãe: a de não deixar os brinquedos espalhados e de não se afastar de casa ao brincar na rua. Benícia se preocupa com o silêncio das meninas e ao ir procurá-las acaba tropeçando nos brinquedos e a cena que se segue parece ser um presságio.

> (...) A preocupação anterior se transformou em raiva. Que Merda! Todos os dias tinha que falar a mesma coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. (...). (Evaristo, 2015, p.75)

Naíta ouve a mãe, vai ver o que está ocorrendo e acaba apanhando. Sai para procurar Zaíta e lhe dar figurinha e da surra. O local onde a família mora está perigoso e

a troca de tiro entre facções e rivais e entre facções e polícia passa a ser corriqueira e a se misturar com a infância das crianças que residem na comunidade:

> (...) O barulho seco das balas se mistura à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas as vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. (...). (Evaristo, 2015 p.76).

E são as balas sem doçura que encontram o corpo triste e distraído de Zaíta, que embebida pela falta não percebe o tiroteio que começa a sua volta. Naíta, chega minutos depois do tiroteio e já encontra a irmã sem vida amparada por vizinhos, em meio a dor e atordoamento só consegue dizer a Zaíta que ela esqueceu de guardar os brinquedos. Tais possibilidades de infância e denuncia seriam impensáveis de serem representados na literatura canonizada, mesmo não sendo segredo que essa é uma realidade que infelizmente é muito comum para muitas crianças negras. A dor de dente, a dor do chute e a dor da vida, a bala que nada tem de doçura findaram o fio de vida que restava àquele garoto de quinze anos e a menina de quase oito.

Di lixão é um conto que expõe a vida de um menino de rua, assim como de vários que existem em cada rua, em cada esquina e Zaíta expõe o assassinato de crianças negras dentro das favelas noticiados de forma corriqueira pelos meios de comunicação. A autora aciona reflexões sobre essa quase-vida de uma forma bem direta, com uma linguagem que não tem intenção de amenizar o desconforto de quem mal enxerga pessoas como Di lixão, mesmo que as veja todos os dias. Não é uma leitura fácil, principalmente para nós, que sabemos que são os nossos que vivem em situações como a das personagens.

A BARBIE É LEGAL, MAS EU PREFIRO A MAKENA[7]

Diante do que foi exposto, é preciso pensar em caminhos que acionem espaços e formas de reexistência para as crianças negras. Tomando como base os estudos feitos pelas pesquisadoras Rebecca Epstein, Jamilia J. Blake, Thalia González durante a pesquisa intitulada *"GirlhoodInterrupted: The Erasureof Black Girls' Childhood"*, que

[7] Soffia, Mc. Menina pretinha. Disponível em: https://www.letras.mus.br/mc-soffia/menina-pretinha/. Último acessa em 23 de novembro de 2017.

apresenta como as meninas negras são vistas dentro da sociedade americana em relação a seus pares brancos podemos perceber que refletir sobre esse processo de reapresentação e reexistências as para as crianças negras precisa ser pauta urgente de discussão. O estudo foi divulgado em junho de 2017 e, dentro do contexto da pesquisa, foram entrevistadas 352 pessoas, sendo mais da metade desse grupo de pessoas brancas. O estudo apontou que cerca de 74% que das pessoas acreditam que as meninas negras são mais entendidas em assuntos adultos relativos ao sexo, ou seja, elas seriam menos inocentes em relação as meninas brancas em todas as faixas etárias analisadas de 05 a 19 anos de idade, precisam menos de proteção e carinho, e são mais culpadas e propensas a punições mais severas nas escolas e mais tarde no sistema carcerário. A realidade não muda para os meninos negros, visto que os dados de outra pesquisa a "*The EssenceofInnocence: ConsequencesofDehumanizing Black Children"*desenvolvida Phillip AtibaGoffand Matthew Christian Jackson na The UniversityofCalifornia, Los Angelessãodivulgado em novembro de 2014, possui dados muito similares aos apresentados na pesquisa citada anteriormente.Essa desumanização das crianças negras é também uma realidade no Brasil, e foi colocada em pauta pela atriz Taís Araújo em discussões recentes para o canal de palestras *Technology, Entertainment, Design – TED* em novembro de 2017. O que é dito na palestra se materializa nos dados as duas pesquisas e o questionamento feito pela atriz em sua fala,junto às análises dos contos e dos poemas é de extrema valia: como criar crianças doces em um país tão ácido?

Essas leituras são necessárias para entendermos que a infância acionada na poesia de Drummond é a realidade de uma pequena parte da população e que existem outras infâncias, e que essas outras infâncias, como as representadas por Jônatas Conceição, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Carolina Maria de Jesus, Lande Onawale, e as demais produções literárias do Brasil fazem parte da historiografia do país e precisam ser representadas como tal. Elas corroboram com a fala da atriz Tais Araújo, e, cada um em seu espaço de luta, apontam caminhos para o desmontar dos estereótipos. Dentro desse processo é interessante ouvir as crianças, pois elas podem dar contribuições importantes para a luta.

É o que podemos dizer sobre Soffia Gomes da Rocha Gregório Corrêa, a MC Soffia. O conselho dado por ela é de grande valia, a barbie é legal, mas é preciso mudar

as referências para criar novas bases de reexitência para as crianças negras. Trazer para discussões brinquedos e histórias em que as crianças negras possam se reconhecer e se enxergar de forma positiva. A barbie é legal, mas talvez as makenas e abayomis e toda a simbologia que elas carregam funcionem melhor como referencial para que as crianças negras possam se recontar e reexitir dentro de sua própria história.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Taís. como criar crianças doces em um país tão ácido? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H2Io3y98FV4> último acesso em 23 de novembro de 2017.

DALCASTAGNÈ, *Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. p. 87-110. Brasília, janeiro/junho de 2008.

DELEUZE, Giles. e GUATTARI, Felix. O que é uma literatura menor?. In: *Kafka por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DUARTE, Eduardo de Assis. *O negro na literatura brasileira*. Navegações v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

Epstein, Rebecca and Blake, Jamilia and González, Thalia, Girlhood Interrupted: The Erasure of Black Girls' Childhood. Junho 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/352415577/Girlhood-Interrupted> último acesso em 23 de novembro de 2017.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. PUC/RJ, 1996.

_____*Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita.* In: Representações Performáticas Brasileiras: teórias, práticas e suas interfaces. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

_____ *Olhos d'água.* 1ed. Rio de Janeiro: Palhas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p.77-80.

Goff, P. A., Jackson, M. C., Di Leone, B. A. L., Culotta, C. M., &DiTomasso, N. A. (2014). The essence of innocence: Consequences of dehumanizing Black children. JournalofPersonalityand Social Psychology, 106(4), 526-545. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/psp-a0035663.pdf> último acesso em 23 de novembro de 2017.

SILVA, Jônatas Conceição da. *Vozes Quilombolas* - Uma Poética Brasileira. Bahia: EDUFBA, 2004.

_____. *Outras miragens & miragem de engenho.* São Paulo: Confraria do Livro, 1989.

MACEDO, Joaquim Manuel. *As Vítimas-Algozes:* quadros da escravidão. São Paulo: Martin Claret, 2010.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017